

“CONTINUO PREOCUPADA”... (10 ANOS DEPOIS): ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DE MULHERES COM DUPLA JORNADA DE TRABALHO

Cléria Maria Lobo Bittar Pucci BUENO*

- **RESUMO:** Baseado em pesquisa realizada há 10 anos com as operárias do setor coureiro-calçadista da cidade de Franca, esta investigação propõe escutar o que de fato se alterou nas vidas de algumas daquelas mulheres, que relatavam naqueles idos tempos, uma série de sintomas e queixas basicamente de origem psicossomáticas, que se relacionavam à situação vivenciada por elas, e que se explicava pela sobrecarga de atividades e responsabilidades entre o mundo do trabalho, as atividades domésticas e os cuidados com os filhos. Decorrida uma década e localizadas seis das 14 entrevistadas, buscou-se saber o que de fato mudara em suas vidas no que diz respeito ao trabalho, quais as estratégias que utilizaram para a conciliação entre o espaço privado e o público, no que diz respeito às atividades e responsabilidades domésticas, o cuidado com os filhos, a continuidade e os desafios do trabalho remunerado e os cuidados que tomaram em relação à saúde e bem-estar. Buscar entender se continuavam com as mesmas queixas e sintomas, além de conhecer suas estratégias de conciliação – o que em última instância representa uma saída criativa para o não adoecimento psíquico, foi o intuito deste estudo longitudinal com as operárias, utilizando-se a mesma metodologia e localizando-as no mesmo lócus inicial – as fábricas e indústrias do parque operário de Franca.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Sofrimento psíquico; Trabalho; Saúde; Subjetividade.

Introdução

O presente trabalho pode ser compreendido como um estudo longitudinal que reflete a situação atual de vida de algumas trabalhadoras do parque industrial da cidade de Franca, que foram ouvidas há 10 anos, por ocasião de pesquisa de campo no programa de Mestrado em Serviço Social realizado na UNESP (BUENO, 1998), sendo que, algumas destas foram localizadas e entrevistadas 10 anos depois, para conhecer o que de fato mudou em suas vidas.

* Psicóloga, Doutora em Serviço Social (UNESP). Pós-doutorado pelo Instituto Universitário de Estudos de Mulheres (Valência/Espanha). Docente do programa de Mestrado em Promoção de Saúde, da Universidade de Franca (UNIFRAN) e do curso de Psicologia. cleria@unifran.br.

Naquele ano (1997) foram ouvidas 14 operárias de três importantes indústrias do setor coureiro-calçadista da cidade, e seus discursos foram registrados e transcritos, utilizando-se a forma de entrevista semi-dirigida, a metodologia qualitativa e dialética (MINAYO, 1992), e a análise do discurso para a interpretação dos dados obtidos junto às operárias (FIORIN, 2000). O interesse principal da pesquisa era compreender sobre o sentimento de culpa que relatavam algumas mulheres ao deixarem seus filhos pequenos para adentrarem o universo do trabalho, e como este sentimento afetava suas vidas tanto no âmbito do trabalho, como no pessoal. Estas operárias carregavam todo o ônus do trabalho domésticos e suas responsabilidades como mães e chefes de família, o que lhes trazia uma situação de constante preocupação, fadiga e estresse. As queixas principais tinham relação direta com a estrutura familiar patriarcal que confere às mulheres a responsabilidade direta e praticamente exclusiva com os cuidados com os filhos e com a casa, agravados pela rotina cansativa e extenuante de uma dupla jornada, e às vezes tripla, no caso das operárias, uma questão, portanto, de desigualdade na divisão do trabalho doméstico.

Algumas das perguntas que nortearam a investigação naquele dado instante tinham o intuito de conhecer as queixas principais, de origem psicossomática ou não, relatadas pelas mulheres, queixas estas provenientes da tentativa de conciliar os afazeres domésticos, o trabalho e a maternidade, sendo que algumas destas queixas variavam entre sintomas psicossomáticos – tais como, náuseas, dores de cabeça, constipação intestinal, crises de ansiedade (taquicardia, sudorese, diminuição da atenção) aos puramente emocionais propriamente ditos, como o sentimento de angústia, tristeza, raiva e revolta.

Há exata uma década estas mulheres me relatavam seus sofrimentos em equilibrar a vida doméstica com o trabalho remunerado, e me contavam das dificuldades acrescidas para aquelas que tinham filhos pequenos, pois além da ineficiência de creches para acolherem os filhos, ainda tinham que lidar com a culpa de terem que ‘abandoná-los’ aos cuidados de terceiros, geralmente as avós ou algum outro parente.

O pronunciamento mais comum era de que viviam sempre preocupadas entre os afazeres e as obrigações maternas. Dentre as 14 entrevistadas, dez tinham filhos, sendo uma delas “mãe-
Serviço Social & Realidade, Franca, 16(2): 42-55, 2007

solteira”. Eram mulheres entre 22 a 37 anos de idade, e a maioria proveniente de trabalhos domésticos anteriores (babás, faxineiras), iniciados quando muito jovens (12 anos de idade em média). Algumas trabalhavam nas mesmas indústrias há muitos anos, havendo aquelas que passavam de duas décadas, sem mesmo terem sido contempladas com algum tipo de promoção ou cargo de chefia. A escolaridade em média, era o curso ginásio incompleto, e a única que tinha um cargo de chefia naquele momento, era justamente a que tinha mais escolaridade e tempo de experiência em setores administrativo, sendo solteira e sem filhos aos 40 anos.

Uma década depois voltei às mesmas indústrias no encaço destas mulheres, conseguindo localizar apenas seis delas para este trabalho, embora tenha tido notícias das outras, por parte destas ‘sobreviventes’. A metodologia utilizada foi a mesma do trabalho anterior, e a seguir comento sobre o reencontro.

Considerações Preliminares

Quando cheguei às indústrias que visitei dez anos antes fiz o mesmo ritual anterior perguntando pelas mulheres que ali trabalhavam. Consegui localizar seis das quatorze entrevistadas, sendo uma no curtume, três na indústria de calçados e as outras duas na indústria de artefatos para calçados.

Todas as seis mulheres disseram lembrar-se daquele momento em que a pesquisa de campo fora feita, e após as devidas explicações iniciais, disse-lhes o motivo para minha volta àquele local de trabalho, no intuito de saber delas o que havia mudado em suas vidas. As que foram reencontradas: Neusa, Elaine, Vilma, Rosângela, Roseli e Araci (todos os nomes fictícios). Aproveitei para perguntar-lhes sobre as companheiras que não mais estavam presentes, e me relataram que algumas se aposentaram (uma inclusive por hérnia de disco), outras haviam tido outros filhos (e uma teve um neto de filha adolescente), algumas trabalhavam em outras localidades, outras trocaram a fábrica pela costura de sapato manual em casa, pois com o aumento da prole havia ficado mais difícil ainda conciliar a vida doméstica e o cuidado com os filhos, com o trabalho remunerado. Duas delas A. e S. haviam ‘sumido’, ninguém sabia destas, e Neusa chegou a comentar que M. havia mudado da cidade, voltando à sua de origem. Outras foram demitidas e tiveram muita dificuldade de se reinsereirem no

mercado de trabalho em função da recessão econômica que assolou a cidade, sobretudo entre 2004 e 2005, algumas sendo admitidas tempos depois, em outras fábricas, e às vezes em funções diferentes das que faziam. Uma delas confirmou que S. hoje, trabalha em uma empresa que terceiriza manutenção e limpeza.

E quanto a estas seis mulheres, o que mudou em suas vidas ao longo destes dez anos? – foi a pergunta inicial para que elas pudessem relatar suas biografias. Resumidamente apresento-lhes alguns recortes de seus discursos e biografias:

Neuza, a única que ainda trabalha no curtume, hoje aos 49 anos de idade, avó de uma menina, seu filho ‘engravidou’ uma namorada, ‘assumiu’ a criança, mas não se casou com a mãe desta, foi um período difícil, pois o marido estava doente, e o filho fazendo ‘bicos’ pouco pode contribuir para o sustento da criança, e ela teve que assumir todo o encargo e os gastos com a neta, que hoje está com dois anos. O filho está agora empregado, e também o seu segundo filho, que está fazendo um curso técnico. Neuza é a trabalhadora que há mais tempo está na mesma indústria, completará 30 anos em 2008, fazendo exatamente o que faz, há mais de quinze anos, sem promoção a nenhum cargo de chefia. Ela se mostrou muito lúcida de sua condição de ‘inamovibilidade’ do lugar onde fora colocada:

Parece que tem ‘cola’ aqui! Me pregaram neste posto, e acho que é aqui que vou ‘bater as botas’ (rindo). Engraçado é que vi muita gente entrar depois de mim, sem saber de um nada (sic), e hoje tá aí, ó, mandando, pousando de chefe. Acho que eles é (sic) contra mulher mandá... orque se for ver por ver, sei muito mais e faço muito mais que muito homem...só que é eles que manda (sic).

Elaine está com 33 anos e hoje tem três filhos, dois nascidos nestes dez anos.

Enfrenta as dificuldades em conciliar o trabalho com as atividades domésticas, o que lhe preocupa muito, mas conseguiu trocar de turno, de modo que, de manhã permanece em casa, cuidando da vida, como ela disse, e, ao encaminhar os meninos à tarde para a escola, vem para o trabalho. Sua mãe ou seu pai é quem buscam os meninos, e seu marido os recolhem nos sogros,

mais a tarde, levando-os para casa, onde Ela regressa depois das 22 horas. Foi uma concessão que fizeram para conciliar seus afazeres, embora ela diga que nunca vai dormir antes da uma da manhã, pois a noitinha é que ela põe muita coisa em ordem.

Vilma está com 48 anos, seus dois filhos trabalham e estudam, é a mais tranqüila de todas, e é a que, já há dez anos, dizia ter a colaboração de seu marido para algumas funções domésticas e com a lida com os filhos, um deles lhe deu muito trabalho com bronquite, e era motivo de desgaste e de ir muitas vezes trabalhar cheia de conflitos, mas isto agora está superado. Espera ansiosamente o momento em que poderá se aposentar, para montarem, ela e o marido um pequeno comércio, e vem economizando recursos para isto, com muitas dificuldades, e não sem alguma preocupação caso não se realize seu sonho.

Rosângela, 44 anos de idade, na época tinha um bebê, hoje com dez anos e uma menina de seis. Foi a que mais trouxe dados sobre a culpa que sentia, naquele momento, em tê-lo 'abandonado' (tinha 5 meses quando da entrevista), para voltar a trabalhar, mas com o tempo aprendeu a se organizar:

Quando não se tem outra solução, né, a gente tem que fechar os olhos do coração e continuar vivendo, senão fica doida! Foi muito difícil no começo, mas aos poucos fui perdendo esta tristeza, fui ficando mais forte e confiando no que estava acontecendo. Se não fosse minha mãe e uma irmã, na época solteira, e que me ajudaram muito com o Raul (filho), não sei se tinha conseguido. Aí fui vendo que não era a última, e nem seria a primeira, e as outras mulheres aqui me ajudaram muito a ver isto.

Araci é a que melhor se saiu em termos profissionais. A única com escolaridade completa, nestes dez anos passou de chefia a gerente, morou fora da cidade por uns tempos para implantar uma filial, voltou, cursou Economia na Faculdade Municipal, fez uma especialização em Gestão e Controladoria, e aos 50 anos está somente 'ficando', como ela mesma diz, com um companheiro, há cerca de cinco anos, mas por ser ele oito anos mais novo que ela, no fundo teme que, estabilizar esta relação 'esfrie' e faça com que ele perca o interesse, embora seja ele quem queira oficializar a relação:

Oficializar para que? Nesta altura da minha vida, 'juntar escova de dente'? (rindo). Tive que 'engolir muito sapo' para chegar onde estou abrir mão de muita coisa, de ter tido uma vida pessoal, filhos, marido, sei lá... e agora voltar para trás para ter o que não tive no momento, mais nova? Ah, não, prefiro assim, pelo menos cada um com seu andor, cada um com sua dor, cada um com suas conquistas...

Roseli está com 41 anos de idade e seus filhos, hoje com 12 e 15 anos. Naquele momento, sua fala mais marcante foi a de dizer que, apesar do cansaço e muitas vezes da culpa que sentia, não abriria mão do trabalho, pois o trabalho doméstico não é fonte de satisfação e reconhecimento para a mulher. Está separada do pai de seus filhos há seis anos, e segundo ela, teve uns 'rolinhos' mas nada sério, mesmo porque, segundo sua opinião:

É difícil um homem querer uma mulher que já tem dois filhos de outro, a não ser que ele também venha de um casamento desfeito, com mais filhos, o que é quase sempre mais trabalho pra gente, lógico! Ou senão é rapaz muito mais novo que ...você sabe, né, é como diz aquela música "panela veia é que faz comida boa" (rindo-se muito). Mas não pretendo ficar sozinha. Também não estou à procura, se aparecer, se pintar, pintou, senão, vou levando, tenho meus filhos pra criar. Procuro não pensar muito sobre isto, porque senão fico preocupada em terminar meus dias sem ser feliz.

O trabalho, a saúde e os sintomas

Todas as queixas relatadas naquele ano, referiam-se de maneiras direta com a constante situação de preocupação a que estas mulheres estavam submetidas, tendo que conciliar a realidade do mundo do trabalho extra-lar, com as atividades domésticas e o cuidado com os filhos pequenos. Educadas a se sentirem e assumirem estas responsabilidades desde pequenas, em oposição a educação recebida pelos meninos que os desobrigam aos cuidados com terceiros, estas mulheres se sentiam como se estivessem alterando a 'ordem natural' dos eventos.

Desgastadas e cansadas, as mulheres revelariam naquele

momento, estarem em constante situação de estresse, de preocupação e em estado permanente de alerta, o que lhes causava enorme fadiga, ansiedade e sintomas outros tais como; gastrite, insônia, irritação, dermatite, queda de cabelo, tonturas, vertigens. Isso em função do aspecto da dupla e até tripla jornada de trabalho que muitas delas revelavam viver. Agora com os filhos encaminhados na vida e maiores, quais seriam os sintomas que elas revelariam dez anos depois?

Quando lhes fiz esta pergunta, lembrando-lhes de algumas respostas por elas relatadas, estas mulheres começaram por relatar a respeito de suas vidas, e quais mudanças foram as mais sentidas. No tocante à saúde, é interessante registrar que, apesar de se reconhecerem no discurso proferido dez anos antes, quando escutaram de mim o ‘rol’ de problemas que me relataram, algumas se espantaram, outras riram, e verbalizaram espanto por este dado.

Roseli: “Nossa! Nem sabia que tinha vivido isto tudo!”
(rindo)

Neuza: “Não mudou muita coisa não! Só os filho cresceu (sic), mas os problema (sic) é os mesmo. A diferença é que a gente se acostuma com eles e nem percebe mais”

Elaine: “Pra mim foi uma questão de tempo. Isto aí tudo que eu disse, eu repito, inda (sic) mais eu que tive três filhos ‘encarreado’ (sic) um atrás do outro! Mas a gente aprende a levar e se acostuma”

O que mais me marcou foi o conformismo nestas falas, como se tivessem ‘jogado a toalha’, desistindo da gigantesca luta que teriam – e têm-pela frente. Não tendo alternativa, acostumaram-se com a situação estressora, naturalizando-a. Não é muito distinto da naturalização do discurso social que atribui a homens e mulheres padrões de conduta distintos, justificados pela diferença anatômica, e somente por isto, construindo a partir destas diferenças, tudo o que é propício ou não para o seu gênero.

Acostumar-se com o sofrimento não é o mesmo que querê-lo. Não é, como se costuma analisar friamente e linearmente, uma assunção de uma natureza feminina ‘naturalmente masoquista’, como entende alguns, mas, a meu ver, é uma estratégia de sobrevivência.

É como se ousasse afirmar que, encontraram a ‘melhor’ forma de continuarem a viver: apenas vivendo, e, naturalizando

aquilo que muitas vezes não está ao alcance de suas mãos, modificar.

Esta aparente e paradoxal situação de comodismo pode nos revelar um movimento de resistência muda, ainda que imperfeita, mas uma resistência que as permite caminhar e levar adiante seus projetos de vida. É um movimento surdo e contínuo, numa análise foucaultinana de “lá onde tem resistência, tem poder” (1987). E isto ficou muito claro, quando não permitiam que seus companheiros assumissem aquilo que elas próprias defendiam, há dez anos, como ‘obrigações de mulher’ – a educação e o cuidado com os filhos. Fechavam o reduto em torno de si mesmas, e longe de reivindicarem em ajuda aos companheiros em relação aos cuidados com os filhos, chamavam a si a exclusividade com estes.

Se os ‘discursos ressentidos’, como afirma Giddens, (1993) em relação aos homens se dava quanto a divisão das tarefas domésticas e à liberdade que estes outros têm, o mesmo não se verificou quanto ao exclusivismo com os filhos. A meu ver um movimento de resistência e poder, ainda que num ‘estado paralelo’.

Mais do que o conformismo em si, é a situação de estranheza num primeiro momento, pois embora se vissem e se reconhecessem no discurso, estas trabalhadoras teciam comentários ora espantadas, ora em tom jocoso, como se tivessem falando de uma realidade que não a sua. Exceção outra vez feita, à Neuza, que a meu ver parece ser a que tem mais consciência de sua tripla condição de exclusão e submissão: a de mulher, de pobre e de negra. Não podemos nunca negar a dimensão da classe social e da raça e etnia, com a categoria gênero, e devemos salientar que estas duas outras, juntamente com o gênero, são igualmente fatores de exclusão e de opressão.

Se o patriarcado evoluiu para a degeneração e a desvalorização de tudo o que se refere ao gênero feminino, o capitalismo veio coroar esta posição, uma vez que, ao reproduzir o status quo das mulheres, que por sua vez são produtoras e reprodutoras, desvaloriza tudo o que delas provém, naturalizando a condição hegemônica masculina.

E a forma mais ‘lógica’ e natural para lidar com esta questão, é atribuindo nomes a funções idênticas, aprisionando mulheres a ocuparem cargos e em categorias profissionais cujo piso salarial seja menor, ou mesmo que a ascensão a postos

hierárquicos superiores, seja mais complicado (MADEIRA, 1997; SAFFIOTI, 1976).

Esta pesquisa teve o intuito de reconhecer quais seriam os novos sintomas produzidos por estas mulheres, ou se haviam mudado de nome ou de intensidade. Ou se poderiam ter simplesmente desaparecido. Em verdade o trabalho de campo realizado em 1997 e defendido um ano após, e que fora publicado em 2005 sob outro nome “Vivo sempre preocupada ¹”... tem o seu motivo de ser. Em que pese as inúmeras e significativas mudanças sócio-econômicas em nosso país, que reflete na vida dos cidadãos, além das mudanças óbvias e já citadas aqui, na vida destas mulheres, todas elas, sem exceção, não se livraram da preocupação, que parece ser uma constante em suas vidas. Claro que aqui não defendo ser uma prerrogativa feminina, mas refiro-me a constante preocupação em aliar família, trabalho remunerado, criação dos filhos, cuidados consigo mesma – este quase sempre negligenciado.

A saúde física e emocional destas mulheres fica, portanto, comprometida, uma vez que o excesso de atividades domésticas e não doméstica, reserva-lhe quase nenhum tempo de ócio, de lazer ou de descanso. Agrega-se a isto o fato de que a saúde e o bem-estar dos filhos e do cônjuge serem, via de regra, prioridade, em detrimento de si próprias. Muitas vezes se atentam às suas saúdes, quando a mão dura da enfermidade ou do afastamento compulsório toca-lhes os ombros.

No tocante a esta realidade é que acredito que, nós profissionais da área social e da saúde, temos muito a contribuir, uma vez que cabe a nós reorganizarmos os arranjos organizacionais e situações vivenciais, possibilitando o espaço da troca de experiências, o ensino e a aprendizagem de novas formas de lidar com velhos problemas, para que estas mulheres possam encontrar um canal aberto para discutir sua situação e apresentar propostas cabíveis com sua condição. Isto é o que chamamos empoderamento das partes da população que costumam ser destituídas de voz e poder, e que pode ser viabilizado a partir da intervenção profissional no próprio espaço organizacional, ou fora dele, em lugares destinados comumente ao ócio ou ao encontro de

¹ BUENO, C. M. L. Vivo sempre preocupada. O dilema em conciliar (sem culpa) o trabalho e maternidade. Franca: UNIFRAN, 2005.

pessoas. Agindo assim estamos de acordo com o que está preconizado em muitos tratados e resoluções sociais, de direitos humanos e de saúde: “A promoção da responsabilidade social com o ‘empoderamento’ da população e aumento da capacidade da comunidade para atuar nesse campo” (Cartas de Promoção de Saúde, p. 16, 2002).

Considerações finais

O percurso biográfico destas mulheres corrobora a idéia inicial de que para as mulheres é mais difícil tanto a ascensão aos postos hierárquicos, como a volta ao mercado de trabalho, sobretudo quando ela possui baixa escolaridade e pouca qualificação profissional. O exemplo típico é o de Neuza, que apesar dos seus quase trinta anos de dedicação à indústria, teve que assistir a muitos passarem à sua frente, e todos, diga-se de passagem, homens, sendo inclusive alguns bem mais jovens e inexperientes que ela. No outro extremo está Araci que, continuando solteira e tendo maior escolaridade que todas conseguiu com seu esforço, graduar-se e até cursar uma pós-graduação, subindo de posto, alcançando sua independência financeira; mas aos 50 anos de idade, embora aparentando bem menos, não deixa de transparecer que, apesar da vitória, não conseguiu concretizar todos os planos que a deixariam completa, e isto inclui família e filhos. Há por um lado, uma perda afetiva neste plano, o que é para ela, consciente e inegável.

Roseli traz outra questão que ainda é de certa forma, uma fonte de preconceito contra as mulheres, pois trata da ‘mulher separada’, que ainda povoa o imaginário coletivo. Se antes ela representava uma afronta à ‘dignidade’ da sociedade, hoje ela pode ser vista para alguns, como uma ‘ameaça’ aos lares daquelas que continuam casadas, ou uma aventura fácil para os homens mais jovens, ou ainda uma ‘tábua de salvação’ para aqueles muito mais velhos ou ainda com filhos de um primeiro relacionamento, e que, segundo sua ótica, é sempre uma carga a mais para a mulher.

A rede solidária e familiar de atenção às crianças é bem a situação que ilustra a vida de Elaine, pois com o aumento de sua prole, e com a escassez crônica de creches nas indústrias, não fosse a colaboração de seus pais, teria que renunciar ao trabalho remunerado, o que seguramente representaria problemas de

ordem econômica em sua vida.

Vilma é a representante da mulher que, apesar de sua origem humilde, conseguiu com sabedoria, responsabilizar o marido para as atividades tidas como exclusivas da mulher, negociando funções, ambos fazendo concessões e renúncias para ser viável a vida familiar, o trabalho e o relacionamento do casal. Não é a toa que foi a que se mostrou mais tranqüila, descrevendo o relacionamento conjugal como uma importante fonte de crescimento e ajuda.

Finalmente **Rosângela** aprendeu pela própria experiência, que a culpa que sentira ao deixar o bebê Raul, fora minimizada ao dar continuidade à própria existência, revelando encontrar no auxílio e incentivo recebidos de outras mulheres a possibilidade de ser uma 'sobrevivente de si mesma', sendo hoje uma testemunha viva da superação do que lhe parecia impossível. Se naquele momento a preocupação mais evidente era com o filho pequeno, hoje, esses já crescidos lhes trazem outras fontes de preocupação, e não somente estes são o que lhes preocupam, mas igualmente a possibilidade de não serem felizes ou de renunciarem aos sonhos que vêm embalando numa gestação sem fim.

Perceber-se a si mesmo como lutadora, como combativa e com todos os encargos que a má distribuição dos afazeres domésticos e as responsabilidades com a criação dos filhos, já é lugar comum. O que não é comum é perceber que, em dez anos muita coisa se modificou: os filhos, os maridos, os empregos, a política, a sociedade, elas próprias, tanto seus corpos, seus relacionamentos, sonhos, atitudes e até sintomas.

Mas o que menos se alterou foi a presença constante e inquietante de um sentimento de estar sempre se adiantando, em resultado, às expectativas e aos acontecimentos cotidianos. Sentimento este traduzido como preocupação excessiva, que as condiciona a se verem presas neste torvelinho mental, estando mais predispostas aos sintomas secundários trazidos ou agravados pela preocupação: dores de cabeça, insônia, irritabilidade, fadiga, ansiedade, e em casos mais extremos sabemos – apesar de não ter sido aqui relatado – da possibilidade do componente estressor, estar na etiologia de casos de depressão e também de pânico.

A situação de estranheza, revelada pelos comentários jocosos e risadinhas e afirmativas de que tudo ou quase tudo não mudou em essência, fazem-me supor que, estas mulheres quando

estimuladas a se lembrarem de seus próprios sentimentos, os recebem como alheios a si mesmas, embora os reconheçam legitimamente como seus.

Acham graça que tantos contratempos e dificuldades tenham-lhes marcado a vida, sobretudo por perceberem, no estímulo dado pela retomada de seus discursos, que, apesar das evidentes mudanças, no fundo quase nada mudou no que diz respeito à sua condição de subordinação às 'leis naturais' que impõe destinos nada semelhantes às mulheres e homens, em que pesem estes também terem suas dificuldades e estereótipos, reconheçamos. Mas evidentemente a carga emocional, o ônus do ser que se reproduz, é infinitamente mais pesado sobre a mulher, portanto ousou afirmar do ônus da maternidade, que sem o aparato devido, sem o apoio social e governamental, sem creches e sem uma divisão igualitária das funções no espaço doméstico, acarretasse afastamentos provisórios ou definitivos, sub-empregos, ou mão de obra pouco qualificada, comprometendo sua carreira, e alimentando o ciclo de trabalho fragilizado, pobreza e desigualdade.

Mesmo que os filhos não sejam mais crianças, mesmo que não se sintam mais culpadas em deixá-los, como outrora, estas mulheres têm em suas trajetórias de vida, a marca da preocupação, a lhes acompanhar o dia a dia a existência.

É o que Nick Marshall² personagem vivido por Mel Gibson no filme "Do que as mulheres gostam" – conclui, quando, por um acidente, passa a ler o pensamento delas: As mulheres vivem sempre preocupadas. Touché!

BUENO, C. M. L. B. P. "I remain concerned"... (10 years later): psychosocial aspects of women with a double day of work. *Serviço Social & Realidade* (Franca), v. 16, n. 2, p. 42-55, 2007.

- *ABSTRACT: Based on research accomplished 10 years ago with the workers of the leather-footwear sector of the city of Franca, this investigation intends to listen what in fact changed in the lives of some of those women, that told basically in those times, a series of symptoms*

² "Do que as mulheres gostam". Direção: Nancy Meyers. Elenco: Mel Gibson, Helen Hunt, Marisa Tomei, Alan Alda, Ashley Johnson, Mark Feuerstein. Ano de exibição: 2000. Paramount Picture.

and complaints of psychosomatic origin, that were linked to the situation lived by them, and that was explained by the overload of activities and responsibilities among the world of the work, the domestic activities and the cares with the children. Elapsed one decade and located six of the 14 interviewees, we have tried to know what in fact had changed in their lives concerning the work, which strategies were used for the conciliation between the private and the public space, about the domestic activities and responsibilities, the care with the children, the continuity and the challenges of the paid work and the cares taken concerning health and well-being. Looking for understanding if they remained with the same complaints and symptoms, besides knowing their conciliation strategies – what, ultimately, represents a creative exit to escape from psychic sickness, was the intention of this longitudinal study with the workers, being used the same methodology and locating them in the same initial locus – the factories and industries of the labor park of Franca.

- **KEYWORDS:** *Psychic Suffering; Work; Health; Subjectivity.*

Referências

BUENO, C. M. L. B. P. *A mulher e a culpa. Relações entre carreira e maternidade.* Um estudo realizado com as operárias das indústrias do setor coureiro-calcadista de Franca, SP. 1998. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de História Direito e Serviço Social-UNESP, campus de Franca, 1998.

BUENO, C. M. L. *Vivo sempre preocupada.* O dilema em conciliar (sem culpa) o trabalho e maternidade. Franca: UNIFRAN, 2005.

FIORIN, L. Elementos de análise do discurso. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2000. (Repensando a língua portuguesa)

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder.* Tradução Maria Teresa Costa Albuquerque e J. A. Guillon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.* Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.

MADEIRA, F. R. *Quem mandou nascer mulher? Estudo sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: UNICEF, 1997.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção de Saúde. As cartas da Promoção de Saúde. Brasília, DF, 2002. (série Textos básicos em saúde).

MINAYO, M. T. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1992. (Coleção Temas)

SAFFIOTI, H. I. B. *A mulher na sociedade de classes: mitos e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976 (Sociologia Brasileira)